

A cultura brasileira de olho nas arábias

A época escolhida para apresentar o produto comercial brasileiro não é lá das mais promissoras, mas se o conflito Iraque-Kuwait não avançar em tempo e espaço até o produto cultural brasileiro poder disputar a atenção dos donos do petróleo ao participar pela primeira vez da Feira Internacional de Dubai, um dos sete emirados árabes, de 14 a 18 de outubro. A mostra de arte brasileira que se cogita levar entraria, no caso, como um chamativo, uma espécie de cartão de visitas para apresentação de um País do qual pouco ou nada se conhece naquelas terras do petróleo, e a maquete de Brasília, tida como uma das mais perfeitas do mundo, estará na bagagem para já ir abrindo noções em termos arquitetônicos, políticos e econômicos acerca do que é o Brasil.

O secretário de Cultura Márcio Cotrim não vacilou sequer diante da ameaça da guerra ficar ainda mais preta preferindo promover no fim da semana passada uma reunião entre o idealizador do projeto e o empresariado brasileiro no foyer da sala Villa-Lobos. Cotrim anunciou que a área cultural deverá participar com vídeos e publicações além de uma mostra de artes plásticas em que um artista brasileiro deverá estar incluído. A artista plástica Rose Frajmund é um dos membros da equipe que vai es-

tudar as propostas de participação para este módulo do projeto.

Os outros módulos da exposição darão espaço a cerca de 60 empresas e 35 grupos de produtos manufaturados, e às propostas concretas de negócios e de intercâmbios de pesquisas nas áreas da irrigação e da engenharia genética; entre outras de interesse mútuo. Tudo, é claro, se a guerra permitir.

A idéia de conquistar a atenção do mercado árabe para o *know how* brasileiro partiu da EPE Consultoria e Planejamento, uma empresa curitibana que para realizar a BIT'S 90 (Brazilian Industrial and Technological Show) conta com o apoio do Ministério das Relações Exteriores e da Câmara do Comércio. O proprietário, Dídio Loures, apresentou o projeto em Brasília para cerca de 30 empresários do setor hoteleiro, automobilístico, de engenharia e do comércio. E frisou que o conflito do Golfo preocupa mas não impede a avaliação do esforço de penetração naquele mercado, até porque Dubai está distante e protegida pela fronteira da Arábia Saudita.

Só como curiosidade. Dubai é um país de renda *per capita* de 26 mil dólares que importa 300 milhões de dólares só em jóias por ano — bolo em que o Brasil participa com rigorosamente nada. (Angélica Torres Lima)